

O crioulo cabo-verdiano: língua de resistência das ilhas e do mar

Geni Mendes de Brito *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-0585-3515>

Resumo: Este artigo trata da língua cabo-verdiana, o crioulo, que surge a partir da necessidade de comunicação de diferentes povos que participaram do processo de povoamento do Arquipélago de Cabo Verde, afirmando-se como um dos principais símbolos da identidade crioula. Aborda o conceito de línguas crioulas, formulado a partir de uma visão sociolinguística e geopolítica, refletindo o cruzamento entre o português como “língua do poder” e o crioulo como “língua subalterna”. Objetiva conhecer os importantes processos que envolveram o desenvolvimento do crioulo, denominada mais tarde de “língua cabo-verdiana”, desde a sua origem à sua atuação e interferência na questão da constituição da língua nacional e oficial em todo o Arquipélago. Tem por base pesquisadores cabo-verdianos para discutir as questões culturais e linguísticas das ilhas, como Dulce Almada, Gabriel Mariano, Manuel Ferreira, Manuel Veiga, Manuel Brito Semedo; e, para os estudos relacionados ao temas da “subalternidade”, os postulados dos autores Spivak Gayatri e Walter Mignolo. Aborda a historiografia cultural e linguística de diferentes autores sobre “o crioulo de Cabo Verde” como principal metodologia para desenvolver este trabalho. Assim, conclui que a língua cabo-verdiana ultrapassou as fronteiras das ilhas e do mar e tornou-se a língua da diáspora, da resistência e da identidade do cabo-verdiano.

Palavras-chave: Crioulo; Língua Cabo-Verdiana Resistência; Ilhas; Mar.

Créole cap-verdien: langue de résistance des îles et de la mer

Cet article traite de la langue capverdienne, le créole, qui découle de la nécessité de la communication des différents peuples qui ont participé au processus de colonisation de l'archipel du Cap-Vert, s'affirmant comme l'un des principaux symboles de l'identité créole. Il aborde le concept de langues créoles, formulé à partir d'une vision sociolinguistique et géopolitique, en reflétant l'intersection entre le portugais en tant que « langue du pouvoir » et le créole en tant que « langue subalterne ». Il vise à connaître les processus importants qui ont impliqué le développement du créole, appelé plus tard « langue capverdienne », de son origine à son action et à son ingérence dans la question de la constitution de la langue nationale et officielle dans tout l'archipel. Il est basé sur des chercheurs capverdiens pour discuter des questions culturelles et linguistiques des îles, tels que Dulce Almada, Gabriel Mariano, Manuel Ferreira, Manuel Brito Semedo; et, pour les études liées aux thèmes de la « subalternité », les postulats des auteurs Spivak Gayatri et Walter Mignolo. Il aborde l'historiographie culturelle et linguistique de différents auteurs sur le « créole cap-verdien » comme méthodologie principale pour développer ce travail. Ainsi, il conclut que la langue capverdienne a traversé les frontières des îles et de la mer et est devenue la langue de la diaspora, la résistance et l'identité du capverdien.

Mots-clés : Créole; Langue Capverdienne; Résistance; Îles ; Mer.

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, professora de Literatura portuguesa, brasileira e investigadora sobre a literatura e cultura de Cabo Verde. Atualmente é estagiária como pós doutoranda pela Universidade de Coimbra- Portugal em que desenvolve pesquisa com o tema " O retrato das Ilhas e da Insularidade na literatura cabo verdiana". E-mail: debritogeni@gmail.com

Kriolu di Kabu Verdi - Lingua di rezisténsia di ilhas ku di mar

Rizumu: Lingua kabuverdianu, kriolu, surji pamodi nisisidadi di kumunikason di diferentis povu ki partisipa na prusesu di povuamentu di Arqipélagu di Kabu Verdi y ki afirma komu un di kes prinsipal sínbulu di identidadi kriolu. Nes artigu, ta ben tratadu konseitu di línguas kriolu, formuladu a partir di un vizon sociolinguístiku y geopolítiku, ki ta rifleti kruzamentu di purtugês enkuantu “língua di poder” y kriolu komu “língua subalternu”. Ten obietivu di konxi kes prusesus inportanti ki involve dizenvolvimentu di kriolu ki más tardi txomadu di “lingua kabuverdianu” dezdi si orijen ti si atuason y interferénsia na kiston di konstituison di lingua nasional y ofisial na tudu Arkipélagu. Konsiderandu piskizadoris kabuverdianu pa diskuti kistons kultural y linguistiku d’ilhas, ba buskadu Dulce Almada, Gabriel Mariano, Manuel Ferreira, Manuel Brito Semedo. Pa studus rilasionadu ku tema di “subalternidadi”, lansadu mó di obras di autoris sima Spivak Gayatri y Walter Mignolo. Kel studu ligadu a istoriografia kultural y linguistiku di autoris sobri “kriolu di kabu Verdi sirbi komu prinsipal metodolojia pa dizenvolve es artigu. Des manera, nu ta konklui ki ofisializason di língua kabuverdianu leba-l ta ultrapasa fronteras di ilhas y di mar y e pasa ta ser língua di diáspura, di rizisténsia y di identidadi kabuverdianu.

Palavra-Txabi: Krioulu. Língua kabuverdianu. Rezisténsia. Ilhas; Mar

1 Introdução

A língua cabo-verdiana [...] é a doce língua da mãe, das estórias, dos provérbios, dos pensamentos mais íntimos, da poesia em verso ou em prosa, que se diz ou escreve. (PEREIRA, 2001, p. 153).

Este artigo discorre sobre o conceito de línguas crioulas, formulado a partir de uma visão sociolinguística e geopolítica, refletindo o cruzamento entre o português como ‘língua do poder’ e o crioulo – como ‘língua subalterna’. Veremos também como o crioulo interfere na questão da constituição da língua nacional e oficial em Cabo Verde.

O objetivo maior deste estudo é compreender o processo que envolve a língua crioula cabo-verdiana, desde a sua gênese à sua afirmação na identidade nacional. Especificamente, busca-se por primeiro retratar as diferentes definições para o termo ‘crioulo’, para em seguida, apresentar a sua origem, a formação e a evolução do crioulo falado nas ilhas, que mais tarde denominou-se “língua cabo-verdiana” considerando os aspectos históricos e culturais dos diferentes povos que povoaram o Arquipélago desde o período colonial.

A escolha do tema “o crioulo cabo-verdiano: língua de resistência das ilhas e do mar” justifica-se porque pretende mostrar ao leitor que o crioulo falado em Cabo Verde é uma língua que resistiu à censura colonial portuguesa, nasceu e afirmou-se com a origem

do povo cabo-verdiano. O crioulo é, portanto o resultado da união de diferentes povos trazidos às ilhas pelo mar. O mar é o lugar que simboliza as transformações e os renascimentos das realidades. Por ter nascido no contexto colonial português, o crioulo passou por um processo sociolinguístico até tornar-se a língua Materna cabo-verdiana, que hoje busca um lugar de reconhecimento nas ilhas e nas comunidades diaspóricas.

A importância desta pesquisa está em alargar a discussão sobre esta temática, a partir das relações estabelecidas entre os dados encontrados, e também em suscitar outras reflexões que ajudem novas buscas e entendimentos. Como percurso metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, através de uma revisão bibliográfica baseada principalmente em autores como: António Carreira (1905-1988), Manuel Ferreira (1917- 1992), Gabriel Mariano (1928-2002), Dulce Almada Duarte (1933-2019), João Lopes Filho (1943), Manuel Veiga (1948), Manuel Brito Semedo (1952), dentre outros. Nesse plano, esse artigo lança um olhar sobre a historiografia cultural e linguística de diferentes teóricos sobre o crioulo de Cabo Verde.

2. Incursões históricas sobre a língua cabo-verdiana

Língua;
Língua da fala;
Língua recebida lábio
A lábio; beijo
Ou sílaba;
Clara, leve, limpa;
Língua
Da água, da terra, da cal;
Materna casa da alegria
E da mágoa;
Dança do sol e do sal;
Língua em que escrevo;
Ou antes: falo.
(ANDRADE, 1992, p. 1)

A língua cabo-verdiana é considerada o principal traço de identidade crioula, que nasce da necessidade de comunicação e compreensão mútua entre europeus e africanos desde a colonização do arquipélago. O crioulo, que mais tarde passou a denominar-se “língua cabo-verdiana”, “é, antes de tudo, a língua de expressão da alma cabo-verdiana” (MOURÃO, 1986, p. 422), isto é, a melhor forma de o povo se expressar, mostrar a sua alegria, a sua dor, os seus anseios, os seus sonhos. Além disso, “comprova o triunfo generalizado, em Cabo Verde, de expressões mestiças de raízes afro-negras” (GOMES, 2012, p. 4).

Devido à necessidade de se estabelecer a comunicação entre os habitantes locais, deu-se origem ao que foi denominado de os *línguas*, tradutores africanos levados pelos portugueses para ensinar a língua lusitana aos escravizados e, assim, facilitar a comunicação entre os dois grupos: colonizadores e colonizados. A oficialização da profissão dos *línguas*, segundo Carreira (1982, p. 52), deu-se “em resposta aos movimentos de resistência das populações africanas, que não aceitavam aprender nem a língua europeia, nem mesmo a língua cabo-verdiana”. Conforme os estudos de João Lopes Filho (1997, p. 14),

Pelo fato do colonizador não ter conseguido impor a sua língua no seu relacionamento com o escravo nos primórdios do povoamento, aconteceu um processo de aproximação através da utilização comum, embora limitada, de versões simplificadas de ambas as línguas. [...] foi esse *pidjin* que o tempo se encarregou de aperfeiçoar que terá dado origem à atual língua cabo-verdiana.

Esse encontro entre as duas culturas deu origem a uma “crioulização” (GLISSANT, 1997, p. 37), que se “insere no âmbito do encontro de várias culturas ou de elementos heterogêneos de culturas distintas”, resultando daí uma *performance* nova, imprevisível, por relação à soma ou à simples síntese desses elementos.

Vale lembrar que, conforme fatos históricos, na segunda metade do século XV, Cabo Verde foi ocupada pelos portugueses entre 1460 e 1462, tornando-se a primeira sociedade escravocrata da era das descobertas marítimas. Esse fator histórico foi confirmado até mesmo por Jorge Barbosa (1956, p. 1), conhecido poeta cabo-verdiano, que reconstitui em seus versos “Prelúdio” a saga da descoberta de Cabo Verde:

Quando o descobridor chegou à primeira ilha
Nem homens nus
Nem mulheres nuas
Espreitando
Inocentes e medrosos
Detrás da vegetação.
[...]
Havia somente,
As aves de rapina
De garras afiadas
As aves marítimas
De voo largo
As aves canoras
Assobiando inéditas melodias.
[...]
Quando o descobridor chegou
E saltou da proa do escaler varado na praia
Enterrando
O pé direito na areia molhada
E se persignou. Receoso ainda e surpreso

Pensando n'El-Rei
Nessa hora então. Nessa hora inicial.
Começou a cumprir-se
Este destino ainda de todos nós.

Meio século depois, o arquipélago se transformou em um importante entreposto de escravos trazidos da África e enviados posteriormente para a América do Sul, e acabou por ser um importante “laboratório” de língua e de aculturação (LOPES FILHO, 2003, p. 81). Esses fatores favoreceram as condições do seu povoamento e a sua vida econômica, social e cultural.

3. Língua cabo verdiana: “seiva pura de uma autêntica cultura nova”

O crioulo é a metáfora da alma, da plasticidade, da singularidade, do diálogo crítico e do efeito assumido de globalização, no ser, no estar e no sentir do ilhéu cabo-verdiano. Simboliza a sua tolerância e o sentido de complementaridade presentes no seu humanismo (VEIGA, 2019, p. 207).

A língua cabo-verdiana é, então, uma mistura de várias tradições, fruto das diásporas africana e europeia, que buscam nas suas reminiscências uma coexistência possível. “Língua de emergência e resistência”. É como Simone Caputo Gomes (2012, p. 4) trata a língua cabo-verdiana, e acrescenta:

A língua materna dos cabo-verdianos criou-se desde muito cedo como língua de emergência, para ser usada como instrumento de comunicação entre os escravizados de diferentes etnias transportados para o arquipélago e também entre essa maioria e os portugueses colonizadores. Língua de mestiçagem, mas também de resistência, o crioulo dava suporte às diferentes manifestações negras e mestiças de Cabo Verde, como o batuque, executado à noite no terreiro por mulheres, depois do trabalho forçado, constituindo um ritual matrilinear de canto e dança, de liberação e de crítica ao colonizador, preservado até hoje na ilha de Santiago.

Desde o período colonial, a Língua Portuguesa, devido a seu prestígio cultural, seu reconhecimento oficial e sua legitimação como língua do poder, era concebida como superior à língua cabo-verdiana, e esta, mais tarde, constituiu um instrumento de peso, na divulgação da cultura daquele povo, seja dentro das ilhas, seja fora delas. Atualmente, parte-se do princípio de que a língua cabo-verdiana nasceu na ilha de Santiago (CERRONE, 1996, p. 73; PEREIRA, 1996, p. 552), tendo sido uma tentativa bem-sucedida de reelaborar uma língua, a partir, não somente do português, como também das línguas maternas dos africanos. Por causa desse último aspecto, a cultura que

nasceu em Cabo Verde como uma língua das mais originais foi sempre condenada ao preconceito e ao menosprezo.

Segundo Benilde Justo Caniato (2002, p. 130), “o aparecimento dos crioulos se deveu a necessidade de comunicação entre portugueses e povos das costas africanas e regiões da Ásia, a partir das primeiras descobertas do século XV”. O termo “crioulo” é designado para nomear uma língua derivada de um idioma europeu, como o português, o francês e espanhol, com a língua nativa africana.

Mignolo (2003, p. 326) nos aponta que o termo “crioulo” tem diferentes interpretações e sentidos. Por exemplo, enquanto que no Caribe espanhol o termo “crioulo” remete a um determinado grupo de indivíduos descendentes de europeus que falam espanhol, no Caribe francês, especificamente nas ilhas de *La Martinique* e *Guadalupe*, e no Caribe inglês, como Suriname, crioulos são os descendentes diretos e indiretos de escravos. Já em Cabo Verde e no Haiti, o crioulo é uma língua nacional. Nos países ameríndios, como a Bolívia e o México, crioulos são os mestiços que detêm o poder na política e que, culturalmente, adotaram a cosmologia ocidental. Mignolo (2003, p. 327) informa ainda que no Caribe o termo “crioulo” é o nome de uma língua subalterna.

Em Cabo Verde, o crioulo, enquanto língua, foi uma importante contribuição para que o escravo trazido da África pudesse recuperar a palavra perdida. Nas palavras de Dulce Almada (1961, p. 93),

As ilhas de Cabo Verde foram as primeiras colónias onde os escravos trazidos do Continente Africano puderam reelaborar as suas línguas pela formação de outra: o crioulo. A língua crioula foi, em Cabo Verde, o centro do universo sociocultural no qual o escravo chegado da África se refugiou para resistir culturalmente a capacidade de se comunicar, a capacidade de transmitir e de reelaborar os seus valores, de conceber um pensamento e uma filosofia própria de acordo com o seu novo habitat.

Muitas denominações foram apresentadas sobre as línguas “crioulas” ou a “crioulização”. Para Silva Neto (1957, p. 435), o termo crioulo foi descrito como “Modificações que as línguas cultas da Europa sofreram em terras extra europeias, na boca dos povos de civilização inferior”. Porém o linguista Cândido Figueiredo, citado por Semedo (2006) inclui a palavra no seu dicionário significando o “dialeto ultramarino que resultou a partir da adaptação de uma língua europeia na boca dos colonizados, quer africanos quer asiáticos”.

Orlandi (2001, p. 20) descreve diferentes denominações que foram apresentadas sobre a língua crioula tais como: “transformações que as línguas cultas europeias sofreram

em terra denominadas extra europeias na boca dos povos considerados inferiores; a língua crioula é um meio tosco de intercomunicação; considerada língua vulgar”.

Largamente falada em todo o arquipélago, a língua cabo-verdiana ganhou desenvoltura e uma força telúrica na sua comunicabilidade após a independência de Cabo Verde. É importante salientar que, durante muitas décadas, o colonialismo não permitiu a fixação oficial do crioulo. As instituições oficiais não tinham interesse em divulgar a cultura local, e a língua cabo-verdiana era malvista pelo poder político, por isso era proibida nos serviços públicos. Mas, ainda assim, ela surge como um elemento importante de identificação. Para o antropólogo cabo-verdiano Brito-Semedo (1995, p. 5), “a língua cabo-verdiana fundamenta a identidade do país, pois se encontra em consonância com a sua importância na cultura e na política nacional”.

Para a antropóloga Dulce Almada (2003), o crioulo cedo se tornou a língua de comunicação em Cabo Verde. Foi inicialmente a língua materna dos escravos e seus descendentes, mas, no decorrer dos tempos, passou a ser meio de comunicação dos cabo-verdianos o elemento de resistência à comunidade opressora. Assim, pode-se afirmar que a língua crioula é uma das manifestações mais marcantes da identidade cultural do povo cabo-verdiano. Como língua materna, preservada de geração em geração, ela uniu o cabo-verdiano no passado e continua unindo, desde a diáspora, e, por isso, ela é a língua das relações sociais, familiares e afetivas, que narra a história do povo do arquipélago: Ela nasce no contexto colonial português, o que possibilitou a sua passagem por um processo sociolinguístico e, conseqüentemente, com marcas visíveis na sua estrutura linguística (LIMA, 1992, p. 24-25). Sobre o surgimento da língua cabo-verdiana, Dulce Almada (2003, p. 35) discorre:

O crioulo, língua nacional do povo cabo-verdiano, emergiu de uma situação histórica e social que tem por nome o colonialismo [...] o crioulo aparece como língua de tipo específico, produto do encontro de várias línguas, em que uma delas, europeia, se assume como dominante, e as restantes, africanas, passam à condição de dominadas.

A história da língua cabo-verdiana é a história da escravatura, do “regime de plantação”, do colonialismo, da dominação, mas também da resistência (VEIGA, 1994, p. 203). Ela constitui um idioma comum a todas as ilhas e a todas as camadas sociais; é o fruto da criatividade do cabo-verdiano e, talvez por isso, o seu principal elemento. Como afirma Dulce Pereira (2001, p. 153), a língua cabo-verdiana é

A doce língua da mãe, das estórias, dos provérbios, dos pensamentos mais íntimos, da poesia em verso ou em prosa, que se diz ou escreve conforme se pode ou a nova lei manda: língua de todos os cabo-verdianos sem exceção, mesmo dos que falam português.

Já Manuel Ferreira (1973, p. 115) enxerga, na língua cabo-verdiana, um fator distintivo da cultura das ilhas:

Desde cedo nos impressionou este fenômeno tantas vezes por estranha bizzarria vituperada como se tratasse de um acto de insuportável rebeldia: o crioulo de Cabo Verde, afinal seiva pura de uma autêntica cultura nova: a cultura cabo-verdiana, simultaneamente garantia de uma transculturação de adaptação e quiçá a mais extraordinária prova a que a língua portuguesa já foi submetida pelas cinco partidas do mundo.

Com exceção da poesia popular e da Morna, o aproveitamento da língua cabo-verdiana enquanto instrumento de expressão literária à disposição dos escritores cabo-verdianos surgiu de forma lenta. Conforme mostram as pesquisas de Sara Alexandre Patrício Silva (2011, p. 71-72), três razões são apresentadas para tal fenômeno. A primeira: o uso da língua cabo-verdiana era considerado subversivo e nativista pelas instituições colonialistas. No entanto, com o surgimento da revista *Claridade*, excepcionalmente no seu primeiro número, a poesia em língua cabo-verdiana ganhou espaço com a apresentação de uma *Finaçon*, o que serviu para enaltecê-la e dar-lhe prestígio enquanto forma de expressão.

A segunda razão está relacionada à eficácia do uso da língua portuguesa como instrumento de divulgação dos acontecimentos sociais, políticos e culturais em Cabo Verde. A terceira razão diz respeito à ideia de alguns críticos de que a língua cabo-verdiana deveria ser o veículo preferencial de expressão literária. Essa afirmação foi contestada, pois se defendia que para esse objetivo deveria ser utilizada a língua portuguesa (PATRÍCIO SILVA, 2011, p. 71).

Ressaltamos que os poetas Pedro Monteiro Cardoso (1902-1971) e Eugénio Tavares (1867-1930) são apontados como os que tiveram a iniciativa de dar à língua cabo-verdiana “dignidade de língua literária”. Mas é com a língua portuguesa que autores cabo-verdianos vêm construindo uma literatura nacional, “radicalmente cabo-verdiana” (FERREIRA, 1973, p. 132). Além de Pedro Cardoso, poeta bilingue que reivindicava o uso preponderante da língua cabo-verdiana, outros poetas, como Januário Leite e Guilherme Dantas, deram importante contribuição para o reconhecimento da língua cabo-verdiana.

Pedro Cardoso (1933, p. 3) defende-a quando brada, em plena vigência do Estado Novo e da intensificação das políticas coloniais portuguesas: “como o milho, como a

grama, o maldito crioulo resistirá ao sirôco, e, evolucionando, viverá [...] enquanto existir Cabo Verde e se cantar a Morna”.

Segundo Manuel Veiga (2002, p. 26), a tradição oral do povo cabo-verdiano foi o refúgio principal da sua língua nos tempos de triste memória em que ela era o objeto dos mais diversos anátemas. A partir do século XIX, com a introdução do ensino oficial em Cabo Verde, a língua cabo-verdiana passou a ser objeto de ataques cerrados, em que puristas lançavam maldição ao crioulo nesses termos: “idioma perverso, corrupto, imperfeito, gíria ridícula, composto monstruoso de antigo português e das línguas da Guiné, miscelânea sem regras de gramática e que constitui um atentado à unidade do império” (LIMA, 1844).

Essas denominações referentes à “língua crioula” e “crioulo”, conseqüentemente, permitiu-nos estabelecer relação entre essa materialidade linguística e a propagação de uma memória histórica, no caso, a de que a “civilização” europeia é “superior” e radicalmente diversa da “civilização” indígena, habitante das terras extra europeias, e, logo, “inferior”; donde se conclui que essa língua misturada, apesar de língua culta europeia modificada, é uma língua considerada “vulgar”, “tosca” (MARIANI, 1996, p. 67).

Retomando Mignolo (2003), esse teórico nos afirma que o crioulo é um modo de ser, de pensar e de escrever em uma língua “subalterna”, na perspectiva “subalterna” e usando e incorporando uma língua hegemônica. Aqui a expressão “subalterno” se refere a perspectivas de pessoas de regiões e grupos que estão fora do poder da estrutura hegemônica. Daí o conceito de subalternidade exigir um espaço territorial definido e demarcado, bem como aqueles que se encontram fora do pensamento hegemônico (MIGNOLO, 2003, p. 331).

A indiana Gayatri Spivak (2010) postula que a “condição de subalternidade é a condição do silêncio, ou seja, o subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado”. Spivak (2010, p. 15-16) apresenta o termo “subalterno” não apenas como uma palavra clássica para denominar o oprimido, mas como representação dos que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente, no qual o “subalterno” é sempre aquele que não possui voz ativa, que não pode falar por si mesmo, mas através dos intelectuais que constroem uma identidade do “outro”, ou seja, do subalterno e colonizado.

Os europeus, especificamente os portugueses, levaram, contudo, a convicção de que as línguas crioulas têm uma origem comum, que é o *pidgin afro-português*, nascido do contato das línguas do Oeste africano com a língua portuguesa. Os efeitos de memória

provocados pelo nome “crioulo” remetem a sentidos que circulam ainda nesse imaginário constitutivo do nome da língua, como o de língua de escravo, de povo dominado, subjugado, subalterno (MARIANI, 1996).

A palavra crioulo na grande maioria de dicionários monolíngues, antes da acepção de crioulo” como língua, trazia crioulo como indivíduo, o sujeito determinado pela raça e procedência. É a partir do indivíduo que esses lexicógrafos passam a definir a língua. Na maior parte dos dicionários, o indivíduo é branco, nascido nas colônias intertropicais e descendente de europeus. No caso dos dicionários brasileiros, há a inclusão da definição do indivíduo também como “negro”.

Apesar da rejeição, a língua cabo-verdiana resistiu em vários tipos de expressão, como as cantigas de trabalho, as práticas religiosas (como as cerimônias de casamento e da morte), a medicina tradicional e a educação informal. Carlos Delgado (2009, p. 76) argumenta que “em Cabo Verde, a língua identifica o cabo-verdiano tanto do ponto de vista linguístico como cultural”. É a língua da identidade coletiva, que permite ao cabo-verdiano reconhecer-se entre si e ser reconhecido pelos outros.

Conforme a reflexão da pesquisadora Ana Josefa Gomes Cardoso (2005, p. 39), a língua cabo-verdiana é o instrumento fundamental não só da comunicação, como também da própria vivência do ilhéu; ela foi uma das maiores formas de resistência do povo cabo-verdiano, na luta pela independência, visto que aqueles que lutaram para a libertação (Amílcar Cabral e os seus companheiros de luta) falavam quase sempre “em crioulo” nas suas reuniões e no seu convívio.

A defesa da língua cabo-verdiana foi efetivada, ainda no século XX, quando um grupo de escritores e trovadores começou a reivindicá-la como suporte principal da cabo-verdianidade. Foram escritores como Eugénio Tavares (1916), Napoleão Fernandes (1920), Baltasar Lopes (1957), Ovídio Martins (1962), Manuel Veiga (1998), Tomé Varela (1980) os que contribuíram para o “finçar os pés no chão” da língua crioula, pois, desde sempre, estiveram dispostos a defendê-la (CARDOSO, 2005, p. 44).

Já na década de 1920, frente aos confrontos e restrições impostas pelo regime colonial, Eugénio Tavares e Pedro Cardoso, corajosamente, defendem a língua cabo-verdiana, que começa a ganhar prestígio com a publicação do importante estudo intitulado “Dialecto crioulo de Cabo Verde”, de Baltasar Lopes (1956). A publicação evidencia o reconhecimento, aos poucos notáveis, da caboverdianidade pela manifestação em língua nacional, em conjunto com a presença da Língua Portuguesa. Tal fato auxiliou na elaboração da consciência e da afirmação de uma literatura nacional.

Os poetas Eugénio Tavares, Pedro Cardoso e José Lopes foram os pioneiros que se empenharam na valorização da língua cabo-verdiana nas primeiras décadas do século passado. Eugénio Tavares se destacou, porque sempre retratou isso em suas obras dispersas pelos jornais, panfletos, e, sobretudo, em suas Mornas. Segundo Eugénio Barbosa (2000, p. 4), escritor de renome, no panorama literário cabo-verdiano, “ninguém como ele foi tão expressivo como tipo de uma raça, ninguém como Eugénio viveu tão intensamente pela sua terra, ninguém pode medir com ele no grau atingido de caboverdianismo”. Para Simone Caputo Gomes (2008, p. 98), a língua cabo-verdiana:

Constitui o elemento cultural que mais assume, fixa e expressa os valores cabo-verdianos, a cultura cabo-verdiana enquanto comunidade de memória, com um sentimento de identidade que conjuga todo o arquipélago e se estende à diáspora, gerando uma consciência de grupo bem demarcada.

A língua cabo-verdiana, pouco a pouco, ganhou raízes e se tornou um dos mais importantes elementos da cultura e da identidade cabo-verdiana, que nasceu e se afirmou como a origem do povo cabo-verdiano e em situações experimentadas por indivíduos provenientes de diferentes grupos étnicos que foram postos em contato uns com os outros, dando origem a uma língua de comunicação.

Manuel Veiga (2002, p. 7) diz que “a língua cabo-verdiana é a nossa bandeira cultural e um dos elementos mais significativos do nosso cartão de identidade”. Como língua materna, ela é considerada o veículo e o suporte do modo de ser, de viver e de agir do ilhéu. Já para Gilberto Freyre (2001, p. 30), a língua cabo-verdiana é “tão radicada na terra como o homem crioulo, e todo aquele que tentasse e, por impossível, conseguisse a sua erradicação, mutilaria irremediavelmente a alma do homem cabo-verdiano. Seria uma das formas de crime de genocídio”.

Nascida das bocas de negros e de mulatos, a língua cabo-verdiana se alastrou por todo o arquipélago, “impondo-se como o facto mais eloquente e mais decisivo da nossa especialização cultural” (MARIANO, 1991, p. 69). Sobre o tema, Peixeira (2003, p. 162) ressalta que

O crioulo é realmente o suporte insubstituível da identidade cabo-verdiana: na comunicação corrente, na vivência de hábitos e costumes rurais como citadinos. Mas também numa aproximação aos ritmos tradicionais de texto, música e dança; para captação e expressão de emoções estéticas tanto no campo da poética como da narrativa.

Mantendo-se, até os dias atuais, a língua cabo-verdiana, desde cedo, começou a ser usada como língua literária, num processo que se foi intensificando e se mantém até

hoje. Para além de Eugénio Tavares, outros nomes, como Pedro Cardoso, Manuel Veiga, Kaoberdiano Dambará, Sérgio Frusoni, Ovídio Martins, Tomé Varela da Silva, Eurídes Rodrigues, Kaká Barbosa ou Kaliostro Fidalgo, escrevem e compartilham suas obras na língua nacional cabo-verdiana.

A língua não é apenas um veículo de transmissão de informação, mas sobretudo, instrumento de poder. E esse poder da língua, acrescenta Mignolo (2003, p. 303), envolve o problema da formação do cânone, a forma como os valores nacionais e ocidentais vêm sendo entrelaçados para produzir os mapas linguísticos, as geografias históricas e paisagens culturais do sistema mundial/colonial.

Mignolo (2003, p. 309) ainda afirma que a literatura colonial será sempre considerada inferior, quando confrontada com a prática definida e exemplificada pelo cânone literário da metrópole. Isso acontece porque o modo como a língua é constituída e assumida por um povo revela seu modo de expressar e de conceber uma dada visão de mundo construído. Aquele que subjuga outros povos acaba por tentar regular mecanismos linguísticos expressivos da cultura oponente para resignificar a realidade de outra forma, entretanto observa-se a todo instante um movimento de resistência, fazendo com que a língua não permaneça imóvel diante dos falantes que as transformam.

4 Considerações finais

A partir do que foi discutido, a língua crioula é um elemento estruturante da identidade da Nação cabo-verdiana. Surge com o nascimento do povo cabo verdiano e da necessidade de comunicação entre colonizadores e colonizados, entre senhores e escravos; ultrapassa fronteiras unindo os que permaneceram no arquipélago e os que se distanciaram na diáspora. Sua construção intervém nas manifestações históricas e culturais do ilhéu e desempenha um papel de extrema importância para sua identidade. Em sintonia com o português, a língua cabo-verdiana é frequentemente mais falada, bastante valorizada enquanto a língua do coração, da cultura e da identidade. Para os cabo-verdianos,

A língua crioula constrói o imaginário da Nação e da identidade nacional, é a língua da oralidade e da informalidade que narra a sua história e compõe as músicas que interpretam fielmente o seu quotidiano (MADEIRA, 2013, p. 84).

Falar a língua cabo verdiana é assumir a identidade de ilhéu, é mostrar a afetividade entre o sujeito e a ilha. Portanto, a língua cabo verdiana é o espelho da alma do ilhéu, é a língua do lar, das conversas entre familiares, amigos, vizinhos, é a língua do

amor, da emoção e da tristeza, do canto e da prece, das declarações por meio da Morna, é a língua do choro e da despedida, a língua nacional do cabo-verdiano que emergiu de uma situação histórica e social, desde o colonialismo, que incutiu neles a ideia de pertencimento a uma nação e a um povo.

Referências

- ALMADA, Maria Dulce de Oliveira. *Bilinguismo ou Diglossia? As relações de força entre o Crioulo e o Português na Sociedade Cabo-verdiana*. Praia: Spleen Edições, 2003.
- ALMADA, Maria Dulce de Oliveira. *Cabo Verde: contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1961.
- ANDRADE, Eugénio de. *Língua dos Versos*. Retalhos da língua Portuguesa. In: Rente ao Dizer, 1992.
- BARBOSA, Eugénio. Tópicos de uma monografia. *Revista de Educação, Ciência e Cultura Artiletra*, Praia, n. 34 e 35, jun./jul. 2000.
- BARBOSA, Jorge. "Prelúdio". In: BARBOSA, Jorge. *Caderno de um ilhéu*. Poemas, 1
- BRITO-SEMEDO, Manuel. *Caboverdianamente ensaiando*. 1. ed. v. 1. Cabo Verde: Ilhéu Editor, 1995.
- CANIATO, Benilde Justo. Língua Portuguesa e línguas Crioulas nos países africanos. *Via Atlântica*, nº 5, p.129-138, 2002.
- CARDOSO, Ana Josefa Gomes. *As interferências linguísticas do cabo-verdiano no processo de aprendizagem do português*. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais), Universidade Aberta, Lisboa, 2005.
- CARDOSO, Pedro Monteiro. *Folclore Cabo-verdiano*. Paris: Solidariedade Cabo-verdiana, 1933.
- CARREIRA, António. *O crioulo de Cabo Verde: susto e expansão*. Lisboa: Europam, 1982.
- CERRONE, Federico. *Cabo Verde: cruzamento do Atlântico Sul*. Mindelo: Rádio Nova, 1996.
- DELGADO, Carlos Alberto. *Crioulos de Base Portuguesa como factores de identidades em África: o caso de Cabo Verde*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.
- FERREIRA, Manuel. *A aventura crioula*. 3.ed. Lisboa: Plátano, 1973.
- FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de carácter e ação*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2001.

- GLISSANT, Edouard. *Traité du tout monde*. Paris; Gallimard, 1997.
- GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde: literatura, culinária e música. In: Seminário Internacional Acolhendo As Línguas Africanas – SIALA. *Africanias, Imagens e Linguagens*. Salvador-BA, UNEB, 2012.
- LIMA, Mesquitela. *A poética de Sérgio Frusoni: uma leitura antropológica*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- LIMA, José Joaquim Lopes de. *Ensaio sobre a estatística das ilhas de Cabo Verde no Mar Atlântico e suas dependências na Guiné Portuguesa ao norte do Equador*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844.
- LOPES FILHO, João. *Cabo Verde, subsídios para um levantamento cultural*. Lisboa: Plátano editora, 1997.
- LOPES FILHO, João. *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação de Cabo Verde, 2003.
- MADEIRA, João Paulo. *A língua cabo-verdiana como elemento da identidade*. Revista de Letras, II, nº 12, p.77-85, 2013.
- MARIANI, Bethânia. Linguagem e história (ou discutindo a linguística e chegando à análise do discurso). *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, vol.12, nº2, p.13-23, 1996.
- MARIANO, Gabriel. *Cultura cabo-verdiana: ensaios*. Lisboa: Ed. Veja, 1991.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes Subalternos e pensamento liminar*. Trad.de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- ORLANDI, Eni. Apresentação. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP & Cárceres, MT: Pontes & UNEMAT Editora, 2001.
- PATRICIO SILVA, Sara Alexandra. *Como construir uma literatura nacional: as antologias “henriquinas” de Baltasar Lopes e Jaime Figueiredo e a produção do cânone da literatura cabo-verdiana*. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2011.
- PEIXEIRA, Luís Manuel de Sousa. *Da Mestiçagem à Cabo-verdianidade: registros de uma sociocultural*. Lisboa: Colibri, 2003.
- PEREIRA, Dulce. Fala Crioulo Papia Português. *Revista Kultura: Revista de Estudos Caboverdianos*, Praia, Instituto Nacional de Investigação e Cultura, nº Especial, p. 153-165, set. 2001.

PEREIRA, Dulce. O crioulo de Cabo Verde. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. (Org.). *introdução linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996. p. 551-560.

SEMEDO, Joaquim Q. Cardoso. *Enriquecimento do léxico da língua cabo verdiana: variante de Santiago*. Instituto Superior de Educação, Cabo Verde, 2006.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1957.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VEIGA, Manuel. “*Metáfora do Mar e do crioulo*, do milho e da morna na idiossincrasia do ilhéu cabo verdiano”. In: *O ilhéu de Cabo Verde*. Universidade Católica Editora, 2019.

VEIGA, Manuel. *O Cabo verdiano em 45 Lições*. Praia: INIC, 2002.

VEIGA, Manuel “*O crioulo de Cabo Verde – emergência e afirmação*”. in: *Arquivo Histórico Nacional (Cabo Verde) Descoberta das Ilhas de Cabo Verde*, Praia / Paris, AHN / SÉPIA, 1998.

VEIGA, Manuel. *A Sementeira*. Lisboa: ALAC-África, Literatura, Arte e Cultura Lda, 1994.

Recebido em: 11/08/2022

Aceito em: 10/09/2022



Para citar este texto (ABNT): BRITO, Geni Mendes de. O crioulo cabo-verdiano: língua de resistência das ilhas e do mar. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº2, p.215-229, jul./dez.2022.

Para citar este texto (APA): Brito, Geni Mendes de.. (jul./dez.2022). O crioulo cabo-verdiano: língua de resistência das ilhas e do mar. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (2): 215-229.